

Nota Técnica

Nº 21

Dinte

Diretoria de Estudos e Relações
Econômicas e Políticas Internacionais

Julho de 2020

COVID-19 NO CONTINENTE AFRICANO: IMPACTOS, RESPOSTAS E DESAFIOS

Ana Saggiaro Garcia
Caroline Chagas de Assis
Renata Albuquerque Ribeiro



Nota Técnica

Nº 21

Dinte

Diretoria de Estudos e Relações
Econômicas e Políticas Internacionais

COVID-19 NO CONTINENTE AFRICANO: IMPACTOS, RESPOSTAS E DESAFIOS

Ana Saggiaro Garcia
Caroline Chagas de Assis
Renata Albuquerque Ribeiro

ipea

Governo Federal

Ministério da Economia

Ministro Paulo Guedes

ipea

Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Carlos von Doellinger

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Manoel Rodrigues Junior

Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Flávia de Holanda Schmidt

Diretor de Estudos e Políticas

Macroeconômicas

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Nilo Luiz Saccaro Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura

André Tortato Rauen

Diretora de Estudos e Políticas Sociais

Lenita Maria Turchi

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Ivan Tiago Machado Oliveira

Assessora-chefe de Imprensa e Comunicação

Mylena Fiori

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Nota Técnica

Nº 21

Dinte

Diretoria de Estudos e Relações
Econômicas e Políticas Internacionais

Julho de 2020

COVID-19 NO CONTINENTE AFRICANO: IMPACTOS, RESPOSTAS E DESAFIOS

Ana Saggiaro Garcia
Caroline Chagas de Assis
Renata Albuquerque Ribeiro

ipea

EQUIPE TÉCNICA

Ana Saggio Garcia

Professora de relações internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Relações Internacionais (Lieri/UFRRJ). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio). Pesquisadora na Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea.

Caroline Chagas de Assis

Pesquisadora assistente na Dinte/Ipea e no Centro Brasileiro de Estudos Africanos da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Cebrafrica/FCE/UFRGS).

Renata Albuquerque Ribeiro

Pesquisadora na Dinte/Ipea e no Laboratório de Análise Política Mundial do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Labmundo/IESP/UERJ). Consultora de política internacional no Instituto Clima e Sociedade.

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <<http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>>.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 HISTÓRICO DAS EPIDEMIAS.....	8
3 RESPOSTAS AFRICANAS PARA A COVID-19.....	10
4 ESTUDO DE CASO POR REGIÃO	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	22
REFERÊNCIAS.....	23
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	23

Pandemias são eventos recorrentes na história da humanidade. Porém, a cada novo evento surgem novos desafios e consequências políticas, econômicas e sociais. A pandemia causada pelo novo coronavírus, conhecido por Sars-COV-2, tem sido apontada como um dos maiores desafios do século XXI. A própria definição do termo remete ao caráter global da questão. Essa característica se vê fortemente potencializada em um mundo globalizado, conectado tecnológica, política e regionalmente.

Reportando as conhecidas desigualdades presentes no mundo, o noticiário tem sido inundado por notícias referentes aos principais eixos de poder do mundo como China, Europa, Estados Unidos e com destaque para alguns países já preocupados com uma segunda onda de contágio. Além de visibilidade quanto à emergência vivida nestes lugares, outras desigualdades se tornaram mais visíveis a partir da pandemia de coronavírus. Desigualdades na balança de poder no sistema internacional se mostram evidentes quando países mais poderosos usaram seu poderio econômico e/ou político para comprar e, às vezes, desviar e reter medicamentos e insumos básicos no combate à doença. A pandemia acabou por evidenciar o melhor e o pior dos Estados e, principalmente, os limites das organizações multilaterais diante da soberania do nacional.¹

No plano social, o número de óbitos maior entre latinos e pessoas negras nos Estados Unidos escancara as dimensões raciais que transpassam a desigualdade no sistema capitalista, em sua dimensão mais cotidiana.² As desigualdades já observadas, por exemplo, na composição da força de trabalho, são reproduzidas no tratamento e na cura da doença. No plano individual, o isolamento forçado de um terço da população mundial³ evidenciou as desigualdades de gênero há tanto tempo denunciadas pelas mulheres, no que concerne à divisão do trabalho doméstico, ao cuidado dos entes que compõem o núcleo familiar, à carga mental e, de forma geral, ao trabalho doméstico não remunerado.⁴

No âmbito do projeto *A agenda externa do Brasil para a África: avaliações e propostas*, do Ipea, este trabalho apresenta os impactos políticos, econômicos e sociais da pandemia para o continente africano. Nesse caso, as diversas desigualdades fazem-se igualmente presentes com o diferencial de relativa ausência na cobertura e disseminação de informações sobre o enfrentamento que o continente tem travado contra a Covid-19.⁵ Ao mesmo tempo, certa *expertise* africana prévia para o tratamento e a contenção de epidemias anteriores é colocada como um elemento positivo que pode ajudar a controlar o avanço da doença no continente. No entanto, há inseguranças no que tange ao futuro da ajuda internacional, fundamental para a sobrevivência e manejo de alguns Estados, já prometida pelos doadores tradicionais e demais atores do sistema internacional.⁶

A vulnerabilidade do continente é alta. Por exemplo, segundo a Unicef, 47% dos sul-africanos que vivem em áreas urbanas (ou 18 milhões de pessoas) não têm acesso à água encanada em suas casas,⁷ o que evidencia os problemas já existentes em infraestrutura de saneamento básico, cenário que se reflete em vários países da região. Além de problemas de infraestrutura, o continente enfrenta simultaneamente outras epidemias, como a de febre amarela, cólera, ebola e HIV/Aids,⁸ que muitas vezes poderiam ser evitáveis por vacina ou controladas e prevenidas pela disponibilização de medicamentos.

Não só os problemas com saúde pública são muito preocupantes nos países africanos, mas também o agravamento de distúrbios políticos e sociais como resultado da falta de recursos disponíveis. Por exemplo, as chuvas torrenciais que atingiram o leste africano na primeira semana de maio de 2020 causaram enchentes e deslizamentos no

1. Jota. Países em desenvolvimento sofrerão mais com a crise gerada pela Covid-19, diz OCDE. Disponível em: <<https://www.jota.info/tributos-e-empresas/tributario/paises-em-desenvolvimento-sofrerao-mais-com-a-crise-gerada-pela-covid-19-diz-ocde-22042020>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

2. Jovempam. EUA: negros e latinos sofrem mais com a pandemia em Nova York. Disponível em: <<https://jovempam.com.br/programas/jornal-da-manha/negros-latinos-sofrem-pandemia.html>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

3. BBC. Coronavírus: um terço da população mundial está sob quarentena; veja 4 tipos de restrição. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52040808>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

4. Fraga. Fechamento de escolas e creches por coronavírus amplia desigualdade de gênero, diz estudo. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/pandemia-eleva-desigualdade-no-mercado-de-trabalho.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsfolha>. Acesso em: 19 abr. 2020.

5. Em 30 de abril de 2020, jornalistas reunidos em comissões de defesa pela igualdade racial nos sindicatos dos jornalistas em várias partes do Brasil e representados na Comissão Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial (Conajira/Fenaj) lançaram uma nota de repúdio para ausência de informações na mídia brasileira sobre o impacto da Covid-19 no continente africano. A nota pode ser lida no *website* da Fenaj: <<https://fenaj.org.br>>.

6. Gänslar, K. Covid-19: qual será o destino dos apoios financeiros a África? DW, 6 maio 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/covid-19qual-ser%C3%A1-o-destino-dos-apoios-financeiros-a-%C3%A1frica/a-53339518?fbclid=IwAR3UtSpx3cpwIbtAnR9JGwoDyjkUQCcZ9rGMUcek8smeM6IQ48tFvS1Yp8k>>.

7. O Globo. Desemprego e fome desafiam confinamento bem sucedido na África do Sul. 22 abr. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/desemprego-fome-desafiam-confinamento-bem-sucedido-contra-coronavirus-na-afrika-do-sul-24386956>>. Acesso em: 18 maio 2020.

8. Vax Before Travel. Africa's #1 Infectious Disease is Cholera. Disponível em: <<https://www.vaxbeforetravel.com/african-countries-delayed-disease-outbreak-reporting-16-days>>. Acesso em: 19 maio 2020.

Quênia, em Uganda, na Somália, em Ruanda e na Etiópia, deixando milhares de desabrigados e tornando a situação ainda mais complexa para os países atingidos.⁹ Embora esses elementos que remetem a desigualdades, inseguranças e instabilidades ainda estejam presentes em muitos casos, a resposta rápida de alguns países e, sobretudo, a resposta conjunta coordenada pela União Africana tem se mostrado eficaz no combate ao novo coronavírus.

Nesse sentido, esta análise traz um panorama da Covid-19 na África até o momento, considerando que os dados da conjuntura de cada país da região se atualizam a cada dia, tornando qualquer análise, necessariamente, parcial e limitada.¹⁰ Este panorama do continente ocorre a partir das subdivisões entre as regiões definidas pela União Africana: norte, ocidental, oriental, sul e central. Essa subdivisão se dá pela similaridade de características de um contexto geopolítico, uma vez que a África é um continente que apenas recentemente foi descolonizado e apresenta muitos Estados ainda em processo de consolidação. Este texto não pretende, de forma alguma, reduzir a realidade africana a algo único, passível de ser generalizado. Muito pelo contrário, busca-se mostrar a diversidade de realidades presentes no continente.

Dessa forma, o trabalho se divide em outras quatro partes, além desta introdução. Na seção 2, é traçado um panorama sobre os impactos de outras pandemias na história do continente, seguido de uma breve análise das respostas adotadas até o momento, em seus aspectos econômicos e políticos (seção 3). Em seguida, na seção 4, é apresentado o recorte por regiões. Por fim, há breves considerações finais com recomendações para o Brasil na seção 5.

2 HISTÓRICO DAS EPIDEMIAS

Antes do debate sobre o caso específico da Covid-19, é preciso considerar outros exemplos históricos de pandemias que abalaram as relações africanas, como a peste bubônica, varíola, malária, HIV/Aids, cólera, febre amarela e o ebola. Algumas delas (particularmente o HIV, a cólera e o ebola) seguem presentes no cotidiano de alguns países. Uma vez que afetam a vida em sociedade e, por consequência, aspectos socioeconômicos e políticos, as epidemias trouxeram mudanças nas formas como os seres humanos se relacionam entre si, mas também inovações tecnológicas, como o desenvolvimento da indústria farmacêutica e as medidas sanitárias. No entanto, não apenas dos impactos causados pelas enfermidades nascem as respostas de políticas públicas dos Estados na modernidade. Ao analisar os impactos socioeconômicos da Aids na África subsaariana, O'Manique (2004) observa que a forma de lidar com uma pandemia e transformar as descobertas científicas em políticas públicas é também parte de um projeto de desenvolvimento, que muitas vezes não depende apenas da vontade dos Estados, mas das condições geopolíticas de cada um.

A ocorrência de epidemias é recorrente na história da humanidade, tendo registros ainda no século VIII a.C. na Ásia e na África do Norte. Já os surtos epidêmicos, que depois foram chamados de pandemias, não eram tão recorrentes, embora existissem. Um dos primeiros registros foi a peste de Tifo que contaminou a África subsaariana chegando em Atenas a partir da Guerra de Peloponeso, a qual foi retratada por Tucídides em 430 a.C.¹¹ No entanto, como ressalta Silva (2001), antes mesmo dos seres humanos saberem o significado e o tratamento das doenças, já utilizavam de organismos biológicos como armas, o que mostra que as doenças afetavam não somente a saúde física das populações, mas também as relações sociais, políticas internas, econômicas e geopolíticas, alterando, igualmente, a relações de poder.

Ao analisar a história retratada sobre epidemias e pandemias, comparando com os acontecimentos na atualidade, percebe-se que muitas ações tem um precedente antigo. Delumeau (2009), ao estudar o impacto do medo nas relações sociais ocidentais durante a Idade Média, argumenta que durante quatro séculos (entre 1348 e 1720) ondas de pandemias de diversas pestes ocorriam pelo menos uma vez a cada década na Europa, além de surtos localizados de epidemia, que eram mais frequentes. A falta de conhecimento, as péssimas condições sanitárias e a progressiva conglomeração humana com o crescimento das cidades (e a convivência com animais) fizeram com que, mesmo que as ondas de peste fossem mais espaçadas e menos fortes a longo do tempo (ou seja, cada vez mais baixa letalidade), as mortes em seu número total seguissem números crescentes. E como não havia muitas informações científicas sobre o tema, muitos hábitos populares foram incorporados, mas que, em sua maioria, eram sem eficiência.

Apenas a partir da peste bubônica, um procedimento se mostrou eficaz: o isolamento social. Como observa Delumeau (2009), apesar de muito eficiente, poucos eram os que tinham a possibilidade de isolamento, uma vez que já

9. Al Jazeera. Rwanda: dozens killed as heavy rains trigger floods, landslides. 8 maio 2020. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2020/05/rwanda-dozens-killed-heavy-rains-trigger-floods-landslides-200508061946966.html>>. Acesso em: 18 maio 2020.

10. Este texto foi produzido em abril e maio de 2020.

11. Vídeo-aula do professor José Rivair de Macedo, realizada em 22 de abril de 2020. Macedo, J. R. Epidemias e pandemias antes da era Moderna ANPUH/RS. Porto Alegre: [s.n.]. O material de apoio de aula transmita no dia 22 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/joserivair.macedo/videos/2909300952495850/>>.

nessa época notava-se que a peste, apesar de não ser seletiva, abatia muito mais a população pobre e vulnerável, que tinha as piores condições sanitárias e não tinha possibilidade de se manter isolada por muito tempo, devido à falta de alimentos. Também é dessa época o medo de queda na produtividade e as leis antivadiagem, que obrigavam os súditos a trabalharem independente do medo de contaminação (Delumeau, 2009).

Na Europa, muitas vezes, as epidemias tinham um vínculo religioso, como se “Deus castigasse os humanos pelo seu mal comportamento” (Delumeau, 2009). Em muitas regiões da África, por sua vez, as epidemias vieram acompanhadas de movimentos políticos de rebelião, contra a ordem social estabelecida. Isso porque, em muitas dessas regiões, as lideranças regionais (muitas vezes ligadas aos deuses) haviam sido substituídas por reis que se associavam aos colonizadores, assim as enfermidades eram associadas a pragas lançadas por divindades antigas que não aceitavam a administração desses reis (Lépine, 2000). Isso demonstra que, mesmo diante de problemas semelhantes, as relações econômico-sociais regionais podem mudar completamente a conjuntura local.

Uma das piores epidemias enfrentadas pelo continente africano foi a da varíola, doença que se acredita ter surgido em 10.000 a.C. e só foi considerada superada na década de 1970 do século XX, passando por diversas crises epidêmicas ao longo da história e chegando a crises pandêmicas a partir do século XVIII (Lépine, 2000). Como o vírus da varíola é fortemente afetado pelas condições climáticas, os ciclos de surtos variavam de região para região, mas acredita-se que tinham uma média de quatro anos. No século XVIII, estima-se que ela tenha matado de 8% a 10% da população, principalmente crianças (Lépine, 2000). No século XIX, foi a vez dos surtos de malária e de febre amarela (M’bayo, 2018).

Enfim, problemas de saúde pública gerados por epidemias e pandemias foram recorrentes na história da humanidade e do continente africano, mas passaram por uma revolução a partir dos mecanismos de higiene básica e dos avanços da indústria farmacêutica do século XX. Com o desenvolvimento do saneamento básico e de antibióticos, vacinas e remédios, apesar de as epidemias continuarem existindo, elas passaram a ser associadas a uma situação de falta de infraestrutura básica de saúde pública e, conseqüentemente, passaram a ter um vínculo mais evidente com a questão da pobreza e desigualdade¹² (M’bayo, 2018).

Tais “revoluções” tecnológicas na saúde também trouxeram conseqüências para o continente africano. Fatores como a baixa densidade populacional, em algumas áreas, uma vasta extensão territorial, junto ao fato de o continente apresentar grande parte de jovens Estados ainda em consolidação e constantemente demandando por infraestrutura em saúde, fizeram com que, na opinião de M’bayo (2018), a África passasse a ser considerada pelos cientistas um *hot spot* para o surgimento de novas doenças desconhecidas.

Nos anos 1990, a estrutura do sistema internacional passou de uma ordem bipolar para unipolar, o que afetou as relações internacionais sobre temas relacionados aos sistemas de saúde. A queda da União Soviética e a emergência dos Estados Unidos como única superpotência mundial romperam com o paradigma da bipolaridade e deslocaram os interesses para a construção de estruturas supranacionais, principalmente ancorada na Organização das Nações Unidas (ONU) e na globalização do comércio com criação de cadeias mundiais de valor. Essas mudanças no sistema afetam diretamente as relações comerciais dos países, que acabam ampliando a dependência na comercialização de bens e serviços internacionais. Essa mudança de paradigma lança um novo olhar sobre o impacto de determinados surtos epidêmicos em diferentes partes do mundo, que passam a afetar rapidamente tanto o comércio quanto a velocidade de contaminação. Além disso, como observa Silva (2001), cresceram também as pesquisas genéticas e biológicas e, conseqüentemente, os interesses da utilização da biologia como arma ou bioterrorismo, ampliando os estudos de epidemiologia como elemento de defesa dos Estados e de seus interesses econômicos.

Dessa forma, desde a década de 1990, principalmente os Estados Unidos vêm defendendo a tese de que pandemias são problemas globais e devem ser encaradas como guerras, uma vez que afetam o comércio e a capacidade produtiva em diversas partes do mundo. Os estudos epidemiológicos e a indústria farmacêutica desenvolveram-se fartamente em países desenvolvidos, que buscam proteger e tentar prever possíveis riscos de contaminação, além de estabelecer sistemas de patentes sobre medicamentos e vacinas. Esses países passaram a investir bastante em organizações internacionais capazes de regular globalmente o combate a esses “inimigos invisíveis”, financiando principalmente a Organização Mundial da Saúde (OMS), que é vinculada à ONU.¹³

Mesmo com todos os estudos e investimentos, muitas vezes por acidentes laboratoriais ou mesmo pela evolução inesperada das mutações genéticas, os países foram afetados por pandemias, como é o caso da pandemia de HIV,

12. Alljazeera. What coronavirus has taught us about inequality. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/coronavirus-taught-inequality-200316204401117.html>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

13. Le Monde Diplomatique. La salud convertida en un reto geopolítico. Disponível em: <<https://mondiplo.com/la-salud-convertida-en-un-reto-geopolitico>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

que afetou o mundo todo. No entanto, como notam O'Manique (2004) e M'bayo (2018), apesar de existir a probabilidade de surtos epidemiológicos ocorrerem em qualquer lugar do mundo e de efetivamente os vírus não se limitarem a classes sociais, é nos países mais pobres que eles geralmente se tornam mais letais e onde os surtos tendem a se estender por mais tempo. Isso ocorre não apenas por falta de conhecimento das populações locais, mas principalmente por falta de estrutura sanitária e investimentos públicos que englobem não só a saúde, mas outros problemas mais complexos.

Assim, a partir da análise sobre pandemias, é possível perceber que a ocorrência do coronavírus não é uma exceção na história do sistema internacional. Desde 2013, estudos apontavam para a circulação de vírus Sars em morcegos e a possibilidade de transmissão desses vírus aos humanos em locais onde existia uma grande concentração e convivência com esses animais (GE *et al.*, 2013). O primeiro caso identificado do vírus se deu na China em novembro de 2019, na cidade de Wuhan; em dezembro, o governo chinês reconheceu a existência desse vírus até então desconhecido, entrando em contato com a OMS. Em janeiro de 2020, o vírus foi detectado na Itália e, em 11 de março, a OMS classificou a Covid-19 como pandemia. O primeiro registro na África ocorreu em 14 de fevereiro, especificamente no Egito e, logo, surgiram casos na Argélia. Na África subsaariana, o primeiro caso foi identificado apenas em 27 de fevereiro na Nigéria. Sendo assim, o continente africano foi o último a ter registro de infectados pela pandemia. Por isso, inicialmente, argumentou-se que o vírus poderia ser menos resistente em climas de temperatura mais elevada, o que não foi totalmente comprovado.¹⁴ A seção 3 traz as respostas dos países africanos após a chegada do vírus no continente.

3 RESPOSTAS AFRICANAS PARA A COVID-19

3.1 Aspectos econômicos

Conforme explicitado nas seções anteriores, as experiências com epidemias condicionam a maneira pela qual os países africanos vêm enfrentando a Covid-19. A diferença é que, atualmente, a projeção é de profunda recessão da economia global, e os países ocidentais, bem como as organizações multilaterais, estão engajados com seu próprio cenário de enfrentamento à pandemia, reduzindo drasticamente o espaço para cooperação com países africanos. Isso potencializa os desafios a serem enfrentados pelos países: de um lado, os sistemas de saúde precários, muitas vezes inacessível à grande parte da população, que vive em situação de pobreza e já enfrenta vulnerabilidades de saúde prévias à chegada da Covid-19; de outro, os efeitos econômicos e sociais resultantes tanto dos esforços de contenção do surto do vírus, como medidas de *lockdown* e distanciamento social, quanto dos efeitos da vulnerabilidade econômica global, desinvestimentos e queda dos fluxos de comércio, bem como a queda brusca dos preços das *commodities*, particularmente do petróleo. Se, por um lado, a população africana é jovem (com idade média de 19,7 anos), o que deveria, em princípio, evitar os sintomas agudos da Covid-19, por outro, problemas sanitários, acesso à água, desnutrição e altas taxas de doenças prévias podem fazer com que os impactos do novo vírus sejam ainda mais abrangentes.

De acordo com um estudo da consultoria McKinsey, a escassez de respiradores é particularmente aguda na África, onde estima-se que existam 20 mil respiradores em todo o continente, o que é muito pouco para gerenciar grandes números dos casos graves da Covid-19. Em comparação, os Estados Unidos, com um terço da população da África, têm até 160 mil respiradores (Jayaram *et al.*, 2020). Alguns países empenharam esforços para enfrentar esses problemas, como a África do Sul, que iniciou o Projeto Nacional de Respiradores, em uma parceria público-privada, a fim de produzir 10 mil respiradores até o final de junho apenas com insumos de origem local. No Quênia, uma fábrica de roupas passou a produzir máscaras dentro de uma semana e agora está produzindo 30 mil máscaras por dia (Jayaram *et al.*, 2020).

Além disso, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial preveem que a África subsaariana sofrerá sua primeira recessão em 25 anos. De acordo com o Banco Mundial, a Covid-19 custará à região entre US\$ 37 bilhões e US\$ 79 bilhões em perdas de produção em 2020. Isso se deve a uma combinação de efeitos, tais como interrupção do comércio e da cadeia de valor, redução dos fluxos de financiamento externo e impactos diretos nos sistemas de saúde e interrupções causadas por medidas de contenção.¹⁵ O FMI projetou uma queda do produto interno bruto (PIB) da África subsaariana em -1,6%, representando uma revisão para baixo de 5,2 pontos percentuais da previsão de outubro de 2019. As economias menos diversificadas deverão ser as mais atingidas, refletindo o impacto dos preços mais baixos das *commodities* (como petróleo e produtos agrícolas) e dos esforços de contenção de surtos do vírus (FMI, 2020).

Em um relatório de abril de 2020, o FMI aponta que a África subsaariana passará por um choque triplo devido à pandemia. O primeiro choque se refere às interrupções econômicas diante da crise na saúde. Segundo o fundo,

14. The Africa Report. Coronavirus: unpacking the theories behind Africa's low infection rate. Disponível em: <<https://www.theafricareport.com/27470/coronavirus-unpacking-the-theories-behind-africas-low-infection-rate/>>. Acesso em: 5 maio 2020.

15. World Bank. Covid-19 (coronavirus) drives sub-saharan Africa toward first recession in 25 years. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/04/09/covid-19-coronavirus-drives-sub-saharan-africa-toward-first-recession-in-25-years>>. Acesso em: 6 maio 2020.

grandes interrupções na produção podem ser causadas pelo fechamento do local de trabalho, pela interrupção das cadeias de suprimentos e pela redução da oferta de mão de obra devido à doença ou à morte. A ausência de redes de seguridade social (como a provisão de renda básica durante a contenção) pode ter efeitos devastadores em domicílios vulneráveis, gerando insegurança alimentar. Ademais, a perda de renda, o medo de contágio, a perda de confiança e a crescente incerteza reduzem a demanda (IMF, 2020, p. 3). Na África do Sul, as interrupções causadas por medidas de *lockdown* e a menor demanda externa devem compor as restrições estruturais, prevendo-se que o crescimento caia de 0,2%, em 2019, para -5,8%, em 2020 (*op. cit.*, p. 6).

O segundo choque diz respeito aos efeitos de transbordamento (*spillover*) da crise global da Covid-19 para a África. Esses choques externos incluem desaceleração do comércio internacional (reduzindo a demanda externa por produtos africanos, ao mesmo tempo, interrompendo partes das cadeias que fornecem suprimentos para a África), bem como condições financeiras globais mais apertadas, reduzindo os fluxos de investimento para a região. Os fluxos de remessa também podem diminuir, e as restrições de viagem podem atingir severamente setores como turismo, hospitalidade e transporte. Espera-se que os países dependentes do turismo (Cabo Verde, Comores, Gâmbia, Maurício, São Tomé e Príncipe, Seychelles) experimentem uma forte crise, com o PIB real se contraindo em -5,1% em 2020 (IMF, 2020).

Por fim, o terceiro choque vem com a aguda queda dos preços das *commodities*, como o petróleo, que atinge particularmente os países com uso intensivo de recursos da região, agravando ainda mais o impacto da pandemia. A maioria dos países ainda estava se adaptando ao choque de *commodities* de 2014. Na Nigéria, a maior economia da região, o PIB deverá contrair -3,4%, refletindo principalmente a grande queda nos preços do petróleo e o impacto das medidas de contenção e mitigação na atividade econômica. Além disso, de acordo com IMF (2020, p. 5), o continente foi atingido por vários choques relacionados ao clima, incluindo ciclones, secas no sul e leste da África (em especial em Moçambique, na Zâmbia e no Zimbábue) e enxames severos de gafanhotos (particularmente na Etiópia, no Quênia, no Sudão do Sul e em Uganda).

O quadro 1 sintetiza diferentes efeitos globais da Covid-19 sobre o continente africano e o grau relativo de vulnerabilidade de alguns países da África Subsaariana diante desses efeitos.

QUADRO 1

Grau de vulnerabilidade diante das consequências globais da Covid-19

PAÍSES	CONDIÇÕES FINANCEIRAS GLOBAIS	CADEIAS COMERCIAIS COM CHINA E EUROPA	MUDANÇAS NOS TERMOS DE TROCA	DEPENDÊNCIA DO TURISMO	SISTEMA DE SAÚDE DE QUALIDADE	RATING DE SUSTENTABILIDADE DA DÍVIDA DOS PAÍSES DE BAIXA RENDA
Angola	Alto	Alto	Alto	Baixo	Alto	Não se aplica
Nigéria	Alto	Médio	Alto	Médio	Médio	Não se aplica
Gana	Alto	Médio	Alto	Médio	Médio	Alto
África do Sul	Alto	Médio	Baixo	Médio	Médio	Não se aplica
Moçambique	Baixo	Alto	Baixo	Baixo	Alto	Alto

Fonte: IMF (2020, p. 4).
Elaboração das autoras.

Outro impacto econômico tem relação com a Área de Livre Comércio do Continente Africano (African Continental Free Trade Area – AfCFTA), que deveria entrado em vigor em maio de 2020, mas, devido à pandemia, teve seu início adiado. Esse acordo tem como objetivo estimular cadeias regionais de valor, as quais viabilizariam uma intensificação das trocas comerciais de bens e serviços intra-africanas. Segundo Sindiropoulos (2020), o adiamento desse projeto pode indicar uma perda de importância na pauta dos países africanos. Em contrapartida, a dificuldade de comercializar com outras regiões pode levar a que o projeto AfCFTA se torne uma alternativa para relançar as economias africanas pós-pandemia.

Conforme afirmado anteriormente, os países africanos são, em grande medida, dependentes de ajuda internacional. O FMI afirma que o apoio de todos os parceiros da ajuda internacional é essencial para atender às necessidades de financiamento, incluindo alívio da dívida para os países mais vulneráveis. De acordo com o Banco Mundial, o continente africano precisaria de US\$ 114 bilhões em 2020 em sua luta contra a Covid-19. O Grupo Banco Mundial estaria distribuindo US\$ 55 bilhões para a África nos próximos quinze meses. O FMI, por sua vez, estaria duplicando os limites de acesso anual para aos meios de desembolso rápido para cerca de US\$ 100 bilhões (World Bank Group, 2020). Há, hoje, um número sem precedentes de pedidos de financiamento de emergência de mais de cem países ao FMI.

Além disso, seu Fundo de Contenção e Alívio de Catástrofes está sendo reformulado para ajudar 29 membros por meio do alívio do serviço da dívida, dos quais 23 estão na África (World Bank Group, 2020).

O alívio da dívida é um tema particularmente importante para países africanos. Os países do G20 acordaram, em abril de 2020, o congelamento dos pagamentos bilaterais de dívidas de países de baixa renda até o final do ano, em um valor estimado de US\$ 40 bilhões, como parte de um plano para enfrentar as crises econômicas e de saúde desencadeadas pela pandemia. A moratória dos pagamentos de dívidas bilaterais deverá ser aplicada aos 76 países elegíveis para receber assistência, de acordo com enquadramentos prévios do Banco Mundial e da ONU.¹⁶ No entanto, credores privados recusaram dos pedidos do G20 e afirmam que os casos terão que ser analisados individual e voluntariamente.¹⁷ Por sua vez, movimentos sociais internacionais levam a cabo uma campanha não só pelo adiamento do pagamento das dívidas, mas por sua suspensão, sob risco de empurrar a crise de países de baixa renda para o próximo ano.¹⁸

De forma notória, a China é hoje a maior credora bilateral de países africanos. De acordo com Brautigam (2020), a soma dos empréstimos chineses a 49 países africanos, entre 2000 e 2018, é de US\$ 152 bilhões. Nesse contexto, a China cancelou dívidas de mais de US\$ 4 bilhões desde 2000, entretanto, a maior parte delas seria empréstimos de ajuda externa sem juros. Hoje, na África, os empréstimos sem juros representam em média US\$ 10 milhões, menos de 5% do total (Brautigam, 2020). Desse modo, apesar de a China ter subscrito a iniciativa do G20, que envolveria “todos os credores oficiais bilaterais”, sua tendência é negociar individualmente, caso a caso, observando a sustentabilidade financeira de seus bancos e agentes financeiros.¹⁹

A perda dos empregos e os problemas sociais gerados pela perda da renda de atividades informais são preocupantes para os países africanos. Segundo um estudo da consultoria McKinsey, de uma força de trabalho total de cerca de 440 milhões de pessoas na África, aproximadamente 300 milhões estão em emprego informal. A força de trabalho formal representa apenas um terço do total, somando 140 milhões de pessoas. De acordo com esse estudo, entre 9 milhões e 18 milhões de empregos formais na África podem ser perdidos ou se tornar redundantes devido à crise da Covid-19. Além disso, outros 30 milhões a 35 milhões de empregos formais correm o risco de reduções nos salários e nas horas de trabalho como resultado da demanda reduzida e de *lockdowns*. Desse modo, nos principais setores, como manufatura, varejo e atacado, turismo e construção, os empregos de mais da metade da força de trabalho podem ser afetados (Jayaram *et al.*, 2020, p. 6). A maioria da força de trabalho do setor informal na África está envolvida na agricultura de subsistência, que tende a ser menos afetada. Porém, até 35 milhões de empregos informais de vendas e serviços no setor de atacado e varejo são vulneráveis, bem como cerca de 15 milhões de empregos ocasionais de artesanato, comércio e operação de plantas nos setores de manufatura e construção (Jayaram *et al.*, 2020).

Diante das diferenças entre países africanos em termos de desenvolvimento econômico, urbanização, emprego formal e bem-estar social, os governos vêm adotando diferentes respostas e medidas perante a pandemia. De acordo com Jayaram *et al.* (2020), no Togo, o governo agiu para fornecer apoio financeiro emergencial às famílias na capital Lomé e criou um programa para transferir pequenas parcelas de apoio financeiro às famílias afetadas a cada semana, com mulheres recebendo mais que homens. Até o momento, havia mais de 300 mil beneficiárias (Jayaram *et al.*, 2020, p. 9). No Quênia, o Ministério da Industrialização, Comércio e Desenvolvimento Empresarial (em parceria com o programa *Manufacturing Africa* da UK Aid) criou uma sala de situação com o objetivo de identificar problemas sobre impactos econômicos e de perda de emprego, conduzir análises e propor soluções que possam ser aprovadas pelo gabinete ou pelo parlamento, ou implementadas diretamente. Esse espaço também está em coordenação com o Ministério da Saúde, o Ministério da Agricultura e os serviços de segurança para garantir a implementação das propostas (*op. cit.*, p. 10).

As medidas de contenção e os graus de *lockdown* variam entre os diferentes países. Governos das três maiores economias do continente africano adotaram diferentes abordagens: a África do Sul implementou um *lockdown* completo em 27 de março e instituiu o fechamento total da fronteira para a circulação de pessoas. Alguns pontos de fronteira limitados permanecem abertos a mercadorias. A Nigéria, por sua vez, implementou um *lockdown* parcial em algumas partes do país e instituiu o fechamento total da fronteira. Por fim, a Etiópia encerrou atividades em escolas

16. Financial Times. G20 agrees debt relief for low income nations. 15 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/5f296d54-d29e-4e87-ae7d-95ca6c0598d5>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

17. Financial Times. Creditors push back on G20 debt relief plea for emerging markets. 19 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/4b9266ad-df46-454c-b31f-40b6b7c70fbb>>. Acesso em: 18 maio 2020.

18. Financial Times. G20 agrees debt relief for low income nations. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/5f296d54-d29e-4e87-ae7d-95ca6c0598d5>>; Jubilee Debt Campaign. Coronavirus: cancel the debts of countries in the global south. Disponível em: <<https://jubileedebt.org.uk/actions/stop-coronavirus-debt-disaster>> e <<https://www.jubileusul.org.br/noticias/chamamento-pela-anulacao-das-dividas/>>.

19. Financial Times. G20 agrees debt relief for low income nations. 15 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/5f296d54-d29e-4e87-ae7d-95ca6c0598d5>>. Acesso em: 22 abr. 2020; VALOR ECONÔMICO. Países buscam alívio da dívida com a China. 4 maio 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/05/04/paises-em-crise-buscam-alivio-da-divida-com-a-china.ghtml>>. Acesso em: 18 maio 2020.

e universidades, proibiu reuniões de massa, fechou espaços públicos e colocou limitações a visitas em prisões e hospitais, mas não instalou um bloqueio ou toque de recolher. O país fechou suas fronteiras terrestres, mas permaneceu aberto ao tráfego aéreo (Jayaram *et al.*, 2020, p. 11). Segundo o estudo da consultoria McKinsey, há evidências de que as medidas de *lockdown* estão retardando a propagação do vírus nos países em que foram implementadas. Em 7 de abril, os países africanos que entraram em *lockdown* total ou parcial viram seu crescimento diário médio de casos conhecidos diminuir em mais de 60%.

Além das preocupações com a saúde, os países têm se preocupado amplamente com a segurança alimentar em meio a crises no transporte de mercadorias. Em abril, a Organização da Alimentação e Agricultura (Food and Agriculture Organization – FAO), órgão vinculado à ONU, divulgou relatório apresentando uma expectativa de duplicação do número de pessoas abaixo da linha da pobreza, chegando a cerca de 230 milhões. Essa expectativa se dá com base nos dados de 2019, que apontavam que cerca de 135 milhões de pessoas já estavam em situação de fome naquele ano e 183 milhões estavam prestes a entrar nessa situação. Dessas últimas, 80% viviam em áreas rurais que estariam mais suscetíveis aos impactos das medidas restritivas da pandemia. Conforme a organização, apesar de necessárias, as medidas restritivas de circulação de pessoas tendem a dificultar a venda de produtos da agricultura familiar, ao passo que aumentam o preço de produtos em regiões urbanas, elevando a probabilidade de fome em lugares em que essas medidas não podem ser bem orquestradas pelos governos. Nessa perspectiva, a população africana seria uma das mais afetadas, uma vez que, em algumas regiões, como no chifre africano, os países já passavam por conflitos e vinham apresentando problemas de nutrição, como na Somália, que registrou um aumento de 3,5 milhões de pessoas em situação de fome em relação a 2019. Na região de Sahel (Mali, Burkina Faso e Níger, especificamente), 5 milhões de pessoas apresentaram insuficiência alimentar com consequência direta ou indireta das medidas restritivas da pandemia (FAO, 2020).

3.2 Aspectos político-sociais

A partir do surgimento dos casos, os países ofereceram uma resposta rápida, muito em decorrência de uma experiência prévia em epidemias, sobretudo a do ebola que afetou a África ocidental entre 2013 e 2016 e que apresentou mais um surto em 2016 na região central. Mesmo com a reconhecida falta de infraestrutura em saúde, os países implementaram diferentes níveis de isolamento social com vistas a prevenir a expansão da doença para áreas mais pobres e sem acesso a recursos. Por fim, deve-se acrescentar o fato de a pandemia ter chegado por último no continente africano, o que facilitou os países da região a observarem e aprenderem com as respostas dos Estados afetados anteriormente.

Antes mesmo de um aumento esperado nos casos da Covid-19 no continente, a União Africana e os Centros de Controle e Prevenção de Doenças da África (África CDC) lançaram uma parceria público-privada com a Iniciativa AfroChampions,²⁰ conhecida como Africa Covid-19 Response Fund. A parceria buscava arrecadar US\$ 150 milhões iniciais para necessidades imediatas de impedir a propagação da doença e até US\$ 400 milhões para apoiar uma resposta médica à pandemia da Covid-19. A iniciativa atua em três frentes: *i*) reunindo os recursos necessários para a aquisição de suprimentos médicos e mercadorias; *ii*) apoiando o envio de socorristas rápidos em todo o continente; e *iii*) fornecendo apoio socioeconômico às populações mais vulneráveis da África. O fundo opera sob a supervisão da União Africana através da África CDC, que determina intervenções e ações prioritárias. Um conselho consultivo composto por representantes dos setores público e privado foi estabelecido para supervisionar a gestão do fundo, junto a um painel de especialistas.²¹

As ações prioritárias incluem a compra e a distribuição de equipamentos essenciais para diagnóstico, tratamento e proteção dos cuidadores, bem como a implementação de uma ampla campanha de conscientização sobre prevenção entre as populações africanas. Além da resposta médica, parte dos recursos arrecadados será destinada ao apoio às comunidades mais frágeis, nos países africanos menos desenvolvidos, cujas atividades socioeconômicas foram impactadas significativamente por medidas tomadas para mitigar os efeitos da pandemia. A estratégia de resposta da União Africana junto ao África CDC visa maximizar a coordenação entre todas as partes. Ambos também lançaram mão de duas grandes unidades operacionais: a Força-Tarefa da África para o Coronavírus (Africa Task Force for Coronavirus – AFTCOR) e o Sistema de Gerenciamento de Incidentes (Incident Management System – IMS).

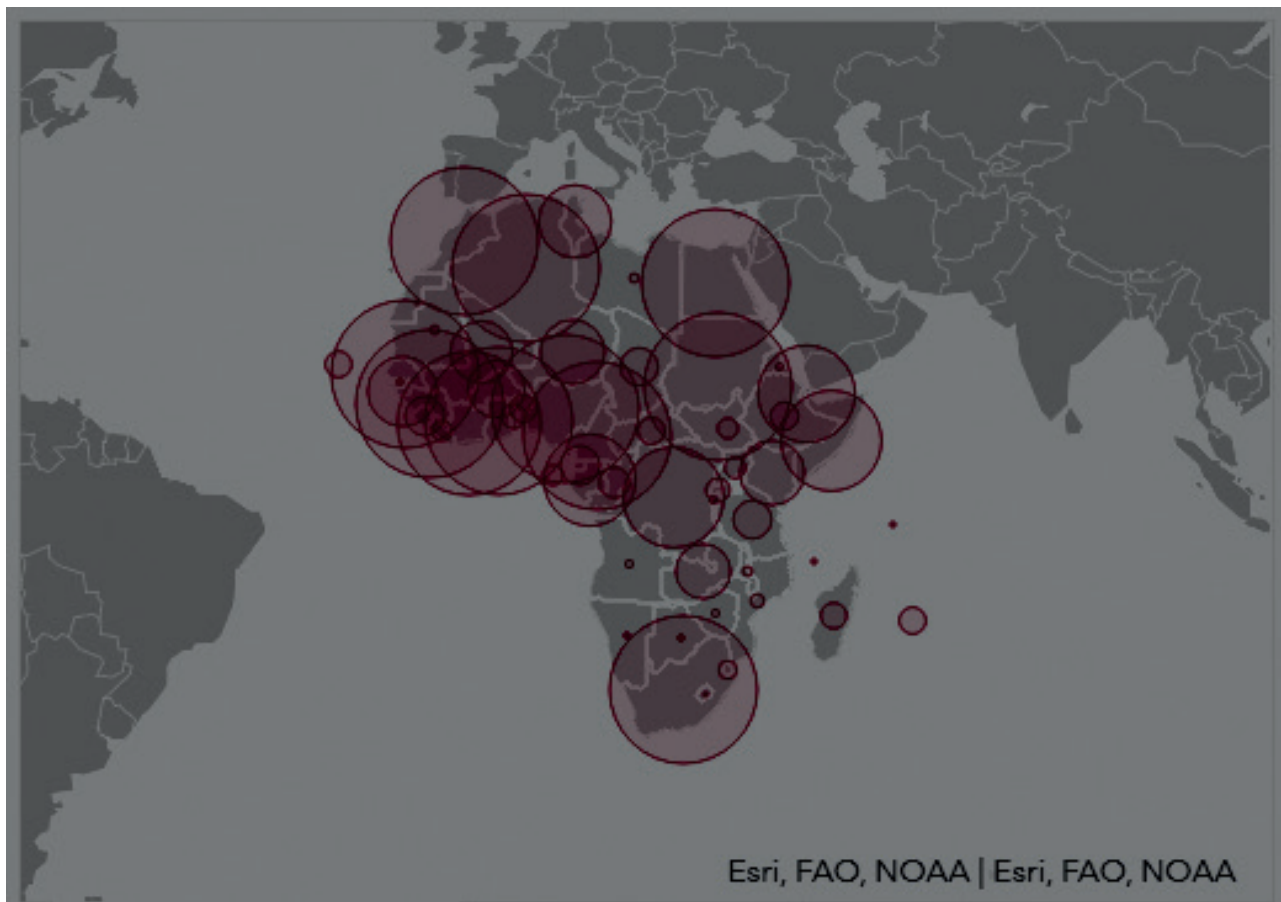
20. A Iniciativa AfroChampions é uma parceria público-privada projetada para galvanizar recursos e instituições africanas para impulsionar ainda mais a integração econômica do continente.

21. Vários países africanos já forneceram financiamento inicial para o fundo, como a África do Sul, a República Democrática do Congo (RDC), o Egito, o Quênia e o Mali. Os parceiros do setor privado incluem: negócios de saúde na África; serviços globais de doenças infecciosas; Speak Up Africa ou Talamus Health Incorporated; bancos africanos, como Ecobank, Standard Bank e Equity Bank; organizações filantrópicas como a Africa Public Health Foundation; e líderes privados do Grupo de Influenciadores Africanos para o Desenvolvimento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Ambos têm atuado em oferecer apoio continental de pessoal e insumos durante emergências de saúde pública. No entanto, mesmo diante de tamanhos esforços, a doença conseguiu se espalhar pelo continente.

FIGURA 1

Quantidade de casos registrados no continente africano (18 de maio de 2020)



Fonte: África CDC.

Nesse ponto, vale destacar quatro elementos-chave para a compreensão inicial do panorama continental: *i*) questões referentes à testagem da população; *ii*) números de leitos hospitalares;²² *iii*) questões de ordem política; e *iv*) refugiados. Primeiramente, a testagem da população se apresentava como um grande desafio. A falta de recursos e/ou instabilidade política poderia torna difícil o rastreamento da doença, dificultando a implementação de políticas públicas. No entanto, em decorrência dos esforços dos países e das organizações regionais, alguns países do continente conseguiram apresentar uma das maiores taxas de testagem do mundo, comparando-se aos países desenvolvidos,²³ como no caso da África do Sul. O país se encontra em primeiro lugar em número de testes, muito distante do segundo colocado Gana e do terceiro colocado Egito.²⁴ Em um país com pouco menos de 60 milhões de habitantes, haviam sido realizados, até 21 de maio, mais de 500 mil testes,²⁵ um número muito alto se comparado com o Brasil, com 200 milhões de habitantes, que realizou um número inferior de testes.

Em relação à quantidade de leitos disponíveis, há dificuldades latentes de infraestrutura de saúde que se agravam com a Covid-19. Na tabela 1, é possível ver baixos índices de cobertura de leitos da população africana, comparados a outros países que hoje passam por dificuldades com seus sistemas de saúde, como Estados Unidos e Itália.

22. Leitos para internação são essenciais na luta contra a doença Covid-19. Isto porque, enquanto o vírus se espalha, gera falta de ar e dificulta a respiração, sendo necessário o cuidado médico contínuo em hospitais e, em alguns casos, o auxílio de respiradores.

23. UOL. África tem bem menos infectados pelo coronavírus do que países ricos. 14 maio 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/05/14/africa-tem-bem-menos-infectados-pelo-coronavirus-que-paises-ricos.htm>>. Acesso em: 18 maio 2020.

24. África CDC. Disponível em: <<https://africacdc.org/covid-19/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

25. África do Sul. Minister Zweli Mkhize confirms total of 18 003 cases of coronavirus Covid-19. Disponível em: <<https://www.gov.za/speeches/minister-zweli-mkhize-confirms-total-18-003-cases-coronavirus-covid-19-20-may-2020-0000>>. Acesso em: 21 maio 2020.

TABELA 1

Quantidade de leitos hospitalares por 10 mil habitantes em países africanos

REGIÃO	PAÍS	ANO	QUANTIDADE DE LEITOS POR 10 MIL HABITANTES
Norte	Egito	2014	16
	Líbia	2014	37
	Tunísia	2015	223
	Argélia	2015	19
	Marrocos	2014	11
	Mauritânia	2006	4
Ocidental	Benin	2010	5
	Burkina Faso	2010	4
	Cabo Verde	2010	21
	Costa do Marfim	2006	4
	Gâmbia	2011	11
	Gana	2011	9
	Guiné	2011	3
	Guiné-Bissau	2009	10
	Libéria	2010	8
	Mali	2010	1
	Níger	2015	3
	Nigéria	2004	5
	Senegal	2008	3
	Serra Leoa	2006	4
Togo	2011	7	
Oriental	Comores	2010	22
	Djibuti	2014	14
	Eritreia	2011	7
	Etiópia	2015	3
	Quênia	2010	14
	Madagascar	2010	2
	Maurício	2011	34
	Ruanda	2006	16
	Seychelles	2011	36
	Somália	2014	9
	Sudão	2013	8
	Tanzânia	2010	7
Uganda	2010	5	
Central	Burundi	2014	8
	Camarões	2010	13
	República Centro-Africana	2011	10
	Chade	2005	4
	Congo	2005	16
	RDC	2006	8
	Guiné Equatorial	2010	21
	Gabão	2008	13
São Tomé e Príncipe	2011	29	
Sul	Angola	2005	8
	Botsuana	2010	18
	Suazilândia/Eswatini	2011	21
	Lesoto	2006	13
	Malawi	2011	13
	Moçambique	2011	7
	Namíbia	2009	27
	África do Sul	2005	28
	Zâmbia	2010	20
Zimbábue	2011	17	

Fonte: World Health Organization (2020).

Além dos problemas relacionados às áreas sanitária e da saúde, há, em muitos países, questões de cunho político e socioeconômico. De acordo com o relatório da ONU de 23 de abril divulgado pelo jornal *The Africa Report*, em alguns casos, governos autoritários passaram a utilizar a pandemia como ferramenta para dificultar a livre circulação e a circulação de pessoas. A situação se agrava com a análise do contexto político do continente. Este ano, oito eleições seriam realizadas, algumas delas com alto risco de conflito civil, nos seguintes países: Burkina Faso, Burundi, África Central, Costa do Marfim, Guiné, Etiópia, Tanzânia e Malawi. O último foi denunciado por fraude eleitoral em 2019 e foi obrigado a remarcar o pleito para julho de 2020.²⁶

Os últimos relatórios do African Peer Review Mechanism (APRM)²⁷ destacam Serra Leoa, Lesoto e Tanzânia como países onde os problemas no setor da saúde, aliados à má governança e corrupção, podem agravar surtos como o coronavírus e o ebola. Cada um dos três países apresenta desafios específicos (Gruzd e Turianskyi, 2020). No entanto, até o momento, o Lesoto surge como surpresa por não apresentar nenhum caso, embora a crise política no país tenha se intensificado nas últimas semanas.²⁸ Há, também, países que já estavam em guerra ou apresentavam conflitos internos, como RDC, Líbia, Sudão do Sul, Somália e Burundi.

No que tange ao tema dos refugiados, o continente africano já é palco de grande movimento de pessoas, principalmente de pessoas forçadas a deixar suas casas e até seus países. A África subsaariana, em 2016, abrigava 20 milhões de deslocados forçados, a maior parcela do mundo. A intensificação da crise de refugiados é um dos grandes riscos após a onda de coronavírus. Até então, a crise esteve relacionada às questões climáticas da seca no continente.²⁹ O Sudão conta hoje com 1,1 milhão de refugiados e está entre as principais origens do deslocamento de pessoas. Contudo, com a tentativa dos países africanos de evitar o ingresso de pessoas contaminadas, há um movimento de fechamento de fronteiras, o que intensifica a situação de vulnerabilidade dessas pessoas. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) também observa que os campos de refugiados superlotados do Sudão, do Sudão do Sul e da Etiópia estavam com dificuldades de manter o distanciamento social e tiveram que construir hospitais de campanha e espaços isolados para os doentes.³⁰ Uma vez analisadas as questões gerais sobre o continente, é válido analisar o avanço da pandemia pelas sub-regiões e as respostas apresentadas pelos principais atores.

4 ESTUDO DE CASO POR REGIÃO

4.1 Norte da África

A região Norte foi a primeira a registrar casos confirmados de Covid-19 ainda em fevereiro. Atualmente, também é a região que registrou, até 18 de maio, o maior número de casos, 27,3 mil casos e 1.422 mortes.³¹ Nessa região, todos os países apresentam números significativos, em especial Egito (o mais afetado), seguido de Argélia e Marrocos. No entanto, existe a possibilidade de grande subnotificação, principalmente na Líbia, país que segue em guerra com escalada de tensões e sofre intervenção externa da ONU e da Turquia.³²

Tem destaque o caso da Argélia, não apenas por ser um relevante ator na região, mas por representar as dúvidas e desconfiças sobre os limites do distanciamento social que respeitem os direitos de liberdade de expressão democrática. A Argélia enfrenta instabilidade política desde 2019, e jornais internacionais têm noticiado que o governo utiliza o distanciamento social para calar opositores políticos como o movimento *Hirak*. Vale lembrar que o governo atual foi eleito em dezembro de 2019 com apoio de grupos militares do país. Todavia, a eleição contou com índice de não comparecimento próximo a 60%.³³ O movimento político *Hirak* reivindica reforma política na Argélia e vinha ganhando peso desde 2019, quando iniciou manifestações de rua contra a quinta reeleição de Abdelaziz Bouteflika, que foi obrigado a renunciar em abril do ano passado. Mesmo após a queda do governante, o movimento continuou com manifestações semanais para pressionar o governo a uma ampla reforma política no país. Em 11 de fevereiro de 2020, seu principal líder, o jornalista Khaled Drareni, foi preso e, após clamor popular, foi solto dia 7 de março.

26. *The Africa Report*. Coronavirus despotism disguised by the pandemic. Disponível em: <<https://www.theafricareport.com/27110/coronavirus-despotism-disguised-by-the-pandemic/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

27. O APRM é uma agência especializada semiautônoma da União Africana que apresenta mecanismos de revisão por pares, publicados como Relatórios de Revisão por País (Country Review Reports – CRRs). Esse mecanismo se apresenta como mais importante instrumento de autoavaliação e promoção da governança no continente (Gruzd e Turianskyi, 2018).

28. Folha de São Paulo. Sem Covid-19, Lesoto vive ‘thriller’ envolvendo premiê e sua mulher. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/sem-covid-19-lesoto-vive-thriller-envolvendo-premie-e-sua-mulher.shtm>>. Acesso em: 18 maio 2020.

29. ACNUR/UNHCR. Covid-19 external update #5. Disponível em: <<https://data2.unhcr.org/en/documents/details/76693>>. Acesso em: 29 maio 2020.

30. ACNUR/UNHCR. Covid-19 external update #5. Disponível em: <<https://data2.unhcr.org/en/documents/details/76693>>. Acesso em: 29 maio 2020.

31. África CDC. Disponível em: <<https://africacdc.org/covid-19/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

32. Al Jazeera. How could coronavirus affect wars in Arab World? Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2020/04/coronavirus-affect-wars-arab-world-200418170156315.html>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

33. Opera Mundi. Argélia: qual a situação do ‘Hirak’ e para onde vai? Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/analise/62878/argelia-qual-a-situacao-do-hirak-e-para-onde-vai>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Isso se deu antes do *lockdown* decretado pelas autoridades em 17 de março. A partir do decreto, o Ministério da Justiça do país suspendeu todos os julgamentos e apelações. No entanto, ativistas pela liberdade de imprensa alegam que, mesmo com as audiências suspensas, pessoas, em especial os ativistas políticos que atuam na internet, são julgadas em tribunais sem o seu conhecimento e acabam presas, como foi o caso do ativista Karim Tabbou.

Além do *lockdown*, o Congresso aprovou, em 22 de abril, lei que prevê prisão para os argelinos que estivessem disseminando *fake news*, e muitos ativistas políticos receiam que a lei seja utilizada como instrumento para prender a oposição ao governo. Em 1º de abril, o presidente Abdelmadjid Tebboune decretou a liberação de 5 mil presos devido ao coronavírus, mas, segundo jornalistas, os ativistas políticos foram retirados da lista.³⁴ Tais ações do governo incentivaram ativistas da oposição a desacreditarem nos perigos do coronavírus, alguns apostando na ideia de um suposto boicote do governo aproveitando-se da justificativa do vírus. Passaram, então, a convocar ações nas ruas, o que tem tencionado mais as relações no país e ampliado os perigos de contaminação.³⁵

No Egito, a instabilidade política se arrasta desde 2011 com a queda de Hosni Mubarak, que se manteve no poder por trinta anos, com consequências para o sistema de saúde. Estimativas apontam que, nos três últimos anos, 120 mil médicos (de um total de 220 mil) saíram do país devido às más condições de trabalho. Com a queda de Mubarak, o governo foi ocupado por grupo religioso radical e depois por uma junta militar liderada por Abdel Fattah al-Sisi, que passou a investir cada vez mais em segurança (dada a extrema preocupação com o terrorismo na península do Sinai) e menos em saúde e assistência social. O orçamento governamental para a saúde caiu de 6,7% do PIB, em 2000, para 4,2%, em 2014.³⁶ Isso certamente afetou a disponibilidade de leitos em hospitais, que caíram de 22 (a cada 10 mil), em 2003, para 16, em 2014 (tabela 1). A pobreza no país já atinge 32,5% da população e tende a piorar com o coronavírus, pois há uma tendência de queda nos investimentos externos advindos do Canal de Suez, bem como no turismo (que representa aproximadamente 12% do PIB do país). As tensões se intensificam com a Covid-19 pois, além de as medidas tomadas pelo governo serem consideradas limitadas pela população, o ministro da Saúde do país ampliou a instabilidade no território após oferecer ajuda a Itália, enquanto faltavam medicamentos e equipamento de proteção individual para os profissionais da saúde do país, que representam cerca de 13% das vítimas da doença. A lembrança da Gripe Espanhola, que matou cerca de 1% da população egípcia, segue na memória coletiva da população e tem intensificado o seu desespero.³⁷

4.2 África ocidental

A região da África ocidental é a segunda mais afetada pela Covid-19, porém com casos bastante espalhados pela região. A Nigéria foi o país mais afetado até agora, com 5.559 casos e 182 mortes. Em segundo lugar, está Gana com 5.730 casos e 29 mortes, seguida de Guiné com 2.658 casos e 16 mortes.³⁸ A região se destaca pela falta de infraestrutura hospitalar local como pode ser visto na tabela 1. Além da falta de infraestrutura em saúde, muitos dos países já apresentavam problemas econômicos e revoltas populares desde fevereiro de 2020.

A Guiné, liderada por Alpha Condé, é mais um país de acentuado risco democrático, pois Condé é suspeito de aproveitar-se da pandemia para reforçar a repressão social no país. Recentemente, o presidente conseguiu a aprovação por referendo de mudança nas leis de reeleição, o que permite que ele seja reeleito por mais catorze anos. No entanto, tal referendo foi denunciado pela Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO ou ECOWAS, sigla em inglês) e pela União Africana, que se recusaram a enviar observadores. Desde 27 de março, o país encontra-se em estado de emergência podendo ser renovado mensalmente.³⁹

Não apenas as questões sobre estabilidade política assolam a região: a estabilidade econômica também tem ganhado destaque entre os analistas sobre os impactos da Covid-19 nessa região. Desde 2000, seis países da África ocidental (Nigéria, Gana, Guiné, Serra Leoa, Libéria e Gâmbia) debatem a criação da Zona Monetária da África Ocidental (West African Monetary Zone – WAMZ) e de uma moeda comum entre as duas zonas que utilizam o franco CFA, unindo monetariamente a ECOWAS e reduzindo a dependência externa desses países. Assim, nasce a ideia de criação da moeda eco (El Jai, 2020).

34. Aljazeera. Algeria rights groups say government cracking down on critics. 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2020/04/algeria-rights-groups-government-cracking-critics-200416173127184.html>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

35. The Africa Report. Coronavirus in Algeria: a country's last warning. 31 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.theafricareport.com/25365/coronavirus-in-algeria-a-countrys-last-warning/>>. Acesso em: 6 abr. 2020.

36. Foreign Policy. In Egypt, the coronavirus poses a political threat. 30 abr. 2020. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2020/04/30/egypt-sisi-coronavirus-political-threat/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

37. Foreign Policy. In Egypt, the coronavirus poses a political threat. 30 abr. 2020. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2020/04/30/egypt-sisi-coronavirus-political-threat/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

38. África CDC. Disponível em: <<https://africacdc.org/covid-19/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

39. The Africa Report. Coronavirus despotism disguised by the pandemic. Disponível em: <<https://www.theafricareport.com/27110/coronavirus-despotism-disguised-by-the-pandemic/>>.

Devido às disparidades regionais e à dificuldade em convergir economicamente os países de toda a região, os países participantes do Banco Central da África Ocidental (Banque Centrale des États de l'Afrique de l'Ouest – BCEAO) – Benin, Burkina Faso, Guiné-Bissau, Mali, Níger, Senegal e Togo – resolveram implementar a moeda unilateralmente a partir de 2020, mas sem excluir a possibilidade de agregar outros atores da região no futuro (principalmente Gana e Nigéria).⁴⁰ A despeito dessa iniciativa, alguns mecanismos do franco CFA seguirão sendo utilizados pela nova moeda (como o vínculo do eco ao euro, mantendo a paridade fixa). As mudanças podem ser resumidas em três principais aspectos: *i*) a mudança de nome; *ii*) o fim da centralização de 50% das reservas no Tesouro francês; e *iii*) a retirada da França dos mecanismos de governança da nova moeda.⁴¹

Desde o fim de 2019, não apenas as negociações para a implementação dessa moeda estavam em curso, mas também diversos movimentos sociais de descontentamento com a atuação francesa na região tanto em termos econômicos quanto militares (principalmente na intervenção do Mali). Tais movimentos obrigaram o presidente francês, Emmanuel Macron, a moderar seu discurso e aceitar a reforma monetária, o que foi celebrado em dezembro de 2019.⁴² Devido à Covid-19, alguns desafios se apresentam a esses países: a instabilidade do preço das *commodities* pode pressionar as economias locais, principalmente na tentativa de expansão da moeda para a Nigéria e Gana; a dificuldade de aumentar o peso do comércio regional que depende de uma integração em infraestrutura que, por sua vez, possivelmente será afetada pela redução dos investimentos externos após a pandemia; e o problema das dívidas externas pode dificultar na confiança dos investidores nessa nova moeda.⁴³

4.3 África austral

A região sul da África apresenta um número intermediário de casos, porém, com relativa baixa intensidade de mortes. Em 21 de maio, havia sido registrados 19.435 casos registrados e 359 mortes, índices baixos comparados a outras regiões africanas.⁴⁴ Os números da região concentram-se especialmente na África do Sul com 18.003 casos e 339 mortes. Chama a atenção, no entanto, que a África do Sul foi um dos primeiros países no mundo a fazer um completo *lockdown*, antes mesmo de registrar sua primeira morte, em 23 de março, dezoito dias após o registro do primeiro caso. O país adotou medidas rígidas para a contenção do vírus, como toque de recolher e repressão policial, além do aumento significativo do registro de casos de xenofobia e de saques.⁴⁵

A experiência sul-africana com epidemias anteriores é central para compreender suas ações contra a Covid-19. Conforme apontado anteriormente, a África do Sul já realizou, até 21 de maio, mais de 500 mil testes. Essa capacidade de testagem se deve à estrutura capilar de trabalho montada para enfrentar epidemias como a do HIV/Aids e da tuberculose. O país conta com agentes comunitários de saúde, que atuam em assentamentos, vilas e favelas, indo de porta em porta até a população. Especialistas apontam que a traumática experiência com o HIV fez com que o governo encarasse a pandemia com mais seriedade do que outros estados. Esse receio também pode ser explicado pelo fato de os estudos ainda não revelarem em detalhes o comportamento do vírus no caso de pacientes com HIV, os quais compõem uma parte significativa da população do país.⁴⁶

No início dos anos 2000, foi lançado o Plano de Emergência para o Combate à Aids (PEPFAR), em parceria com os Estados Unidos. Argumenta-se que o PEPFAR colocou mais de 14 milhões de pessoas em tratamento com antirretrovirais.⁴⁷ Atualmente, existem cerca de 8 milhões de pessoas HIV positivas na África do Sul, com mais de 2 milhões de pessoas infectadas que não tomam antirretrovirais. Esses números significam que a África do Sul tem maior carga de HIV no mundo.

40. APA News. Nigeria: WAMZ rejects “rebranding” of CFA as ECO. Disponível em: <apanews.net/en/news/nigeria-wamz-meeting-faults-rebranding-of-cfa-as-eco/>. Acesso em: 27 maio 2020; DW. The 77 percent — is west africa ready for the eco currency? Disponível em: <https://www.dw.com/en/the-77-percent-is-west-africa-ready-for-the-eco-currency/av-52179012>. Acesso em: 27 maio 2020.

41. DW. França e oito países africanos acabam com o franco CFA. Disponível em: <dw.com/pt-002/frança-e-oito-países-africanos-acabam-com-o-franco-cfa/a-51776797>. Acesso em: 27 maio 2020.

42. Le Monde Diplomatique. Basta de presença francesa na África! Disponível em: <https://diplomatie.org.br/basta-de-presença-francesa-na-afrika/>. Acesso em: 27 maio 2020.

43. The Africa Report. The Eco and coronavirus on Francophone Africa. Disponível em: <theafricareport.com/26352/the-eco-and-coronavirus-on-francophone-africa/>. Acesso em: 27 maio 2020; DW. The 77 percent — is west africa ready for the eco currency? Disponível em: <https://www.dw.com/en/the-77-percent-is-west-africa-ready-for-the-eco-currency/av-52179012>. Acesso em: 27 maio 2020.

44. África CDC. Disponível em: <https://africacdc.org/covid-19/>. Acesso em: 21 maio 2020.

45. O Globo. Desemprego e fome desafiam confinamento bem sucedido na África do Sul. 22 abr. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/desemprego-fome-desafiam-confinamento-bem-sucedido-contra-coronavirus-na-afrika-do-sul-24386956>. Acesso em: 18 maio 2020.

46. CNN. South Africa’s HIV failures cost more than 300,000 lives. Now this painful past is helping in Covid-19 fight. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/04/29/africa/south-africa-hiv-coronavirus/index.html>. Acesso em: 29 abr. 2020.

47. CNN. South Africa’s HIV failures cost more than 300,000 lives. Now this painful past is helping in Covid-19 fight. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/04/29/africa/south-africa-hiv-coronavirus/index.html>. Acesso em: 29 abr. 2020.

O *lockdown* iniciado em 23 de março pelo presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, impôs um bloqueio total às atividades no país. Na semana anterior, a África do Sul havia declarado um desastre nacional, fechando escolas e pedindo distanciamento social.⁴⁸ Segundo o governo, essa primeira fase objetivou uma contenção rígida, em que as pessoas só poderiam sair de casa para comprar comida, procurar ajuda médica ou sob outras circunstâncias extremas.⁴⁹ O *lockdown* seguiu as regulamentações que limitam as reuniões públicas, suspensão de voos e viagens de países de alto risco e a venda de álcool. Além disso, as fronteiras foram fechadas para reduzir a taxa de infecção daqueles que viajam para a África do Sul de outros países. Também foi aplicada uma quarentena aos viajantes que chegavam e aos cidadãos que retornavam. A partir de 1º de maio de 2020, o grau de contenção foi flexibilizado do nível 5 para o nível 4. Este tem por objetivo a precaução extrema limitada a comunidades de transmissão e surto, e permissão de retomada de algumas atividades de agricultura e manufatura.⁵⁰ Os dados oficiais mostraram que, até 20 de maio, as regiões mais afetadas eram Western Cape (62,6% dos casos), seguido de Gauteng (13,3%), Eastern Cape (12,3%) e Kwazulu-Natal (9,2%).⁵¹

Em 1º de abril, o ministro da Saúde lançou sessenta novos laboratórios móveis para aumentar a capacidade do país de testar a Covid-19. As unidades de amostragem e teste, adquiridas pelo Serviço Nacional de Laboratório de Saúde (NHLS), seriam implantadas em todos os distritos prioritários e metrô do país. O governo anunciou que 10 mil agentes comunitários de saúde seriam espalhados em todo o país para triagem domiciliar de porta em porta. Solicitou-se a cada província que começasse a trabalhar nessa estratégia, mobilizando seus agentes comunitários, com equipamento de proteção individual apropriado, para realizar um programa de casa em casa de triagem “sem toque” para os sintomas da Covid-19 e encaminhar pessoas sintomáticas para clínicas para testes. Além disso, os Parceiros de Apoio Distrital, financiados pelo PEPFAR, foram instruídos a apoiar as províncias deste programa.⁵²

Nesse cenário, o governo sul-africano lançou um pacto de apoio econômico de R500 bilhões (aproximadamente US\$ 27 bilhões) para combater a pandemia, o que representa 10% do seu PIB. O financiamento desse pacote de apoio econômico será obtido através da realocação de R130 bilhões no orçamento existente do país. O restante viria de empréstimos de instituições financeiras internacionais como o Banco Mundial, o FMI e o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).⁵³

No que tange à cooperação internacional, a África do Sul recebeu, em 27 de abril, mais de duzentos profissionais de saúde de Cuba para ajudar o país no combate à pandemia.⁵⁴ Por sua vez, os Estados Unidos, por meio do PEPFAR, mencionado anteriormente, estão apoiando até 5.400 agentes comunitários de saúde para a campanha de triagem comunitária da Covid-19 e para fornecer apoio ao tratamento do HIV.⁵⁵

Ativistas apontam, no entanto, para aspectos críticos sobre a condição de trabalho desses agentes comunitários e da forma como a África do Sul vem buscando combater a pandemia. Com base nessa visão, agentes comunitários de saúde estão “no olho do furacão”, como parte da maioria trabalhadora negra sob condição de exploração e negligência do poder público. Segundo ativistas da Khanya College,⁵⁶ a Covid-19 chega à África do Sul em um sistema de saúde pública em crise profunda e estrutural. O país tem uma das maiores sobrecargas de doenças do mundo, incluindo a mortalidade infantil, desnutrição, tuberculose, pressão alta, diabetes e obesidade. Os jovens não apenas carregam o fardo da alta taxa de HIV/Aids, mas também a diabetes, a obesidade e outras doenças. Além disso, grande parte dos jovens está desempregada.⁵⁷

48. The Guardian. South Africa to go into 21 day lockdown on Thursday night. 23 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/mar/23/south-africa-to-go-into-21-day-lockdown-on-thursday-night>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

49. África do Sul. Checklist before testing for Covid-19. Disponível em: <<https://sacoronavirus.co.za/information-about-the-virus-2/>>; e África do Sul. Covid-19: novel coronavirus. Disponível em: <<https://www.gov.za/Coronavirus>>. Acesso em: 28 abril 2020.

50. De acordo com informações disponibilizadas pelo governo da África do Sul, o nível 4 verá todos os serviços de agricultura, caça, silvicultura, pesca e afins, incluindo a exportação de produtos agrícolas, autorizados a operar. A fabricação automotiva, incluindo componentes, aumentará em fases para 50% de emprego. A produção de papelaria aumentará em fases para 50% de emprego. O cimento, outros materiais de construção e ferragens, a partir do próximo mês também serão ampliados em fases de até 50% de emprego. Todas as outras manufaturas aumentarão em até 20% o emprego. Em serviços de construção e serviços correlatos, projetos de estradas e pontes, outros projetos de engenharia civil de obras públicas; e manutenção e reparos críticos serão iniciados. A partir de maio, os restaurantes foram abertos para vender alimentos cozidos quentes para entrega em domicílio. Disponível em: <<https://www.gov.za/Coronavirus>>. Acesso em: 11 maio 2020.

51. África do Sul. Disponível em: <<https://www.gov.za/speeches/minister-zweli-mkhize-confirms-total-18-003-cases-coronavirus-covid-19-20-may-2020-0000>>. Acesso em: 21 maio 2020.

52. África do Sul. Disponível em: <<https://www.gov.za/speeches/minister-zweli-mkhize-confirms-total-18-003-cases-coronavirus-covid-19-20-may-2020-0000>>. Acesso em: 21 maio 2020.

53. Business Tech. Ramaphosa announces R500 billion support package as South Africa gets ready to slowly re-open its economy. 21 abr. 2020. Disponível em: <<https://businesstech.co.za/news/government/391481/ramaphosa-announces-r500-billion-support-package-as-south-africa-gets-ready-to-slowly-re-open-its-economy/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

54. BBC. Coronavirus: cuban doctors go to South Africa. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-52431627>>. Acesso em: 12 maio 2020.

55. Business Tech. This is the aid US has given South Africa to help fight the coronavirus. Disponível em: <<https://businesstech.co.za/news/trending/397173/this-is-the-aid-the-us-has-given-south-africa-to-help-fight-the-coronavirus/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

56. Karibu. In the eye of the storm. 16 mar. 2020. Disponível em: <<https://karibu.org.za/in-the-eye-of-the-storm/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

57. No Borders. Community Health Workers: in the eye of the Covid-19 storm in South Africa. 18 mar. 2020. Disponível em: <<https://noborders-news.org/2020/03/18/community-health-workers-in-the-eye-of-the-covid-19-storm-in-south-africa/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

A África do Sul é, também, o país de renda média com maior índice de desigualdade do mundo.⁵⁸ Nesta linha, Bond (2020) enfatiza que, desde os anos 1990, a capacidade do Estado de responder adequadamente a ameaças como a da Covid-19 foi enfraquecida por meio de políticas neoliberais, resultando em uma profunda crise da saúde, reações políticas lentas e respostas insuficientes de bem-estar. A falta de acesso à água potável e os problemas em redes elétricas complicam ainda mais as condições para que pessoas que vivem em favelas e assentamentos se protejam (Bond, 2020).

Segundo Bond (2020), os mandatos de *lockdown* e distanciamento social não funcionam nos assentamentos superlotados, que tradicionalmente eram construídos sob o *apartheid* como moradias para mão de obra migrante. Em favelas e assentamentos, a violência policial e os confrontos com moradores, que se viram impossibilitados de obedecerem às regras de isolamento do *lockdown*, foram marcantes.

Bond (2020) lembra que há lições aprendidas pelos movimentos sociais organizados em torno da epidemia do HIV/Aids. Entre 1999 e 2004, a Campanha de Ação para o Tratamento lutou para obter acesso gratuito aos medicamentos contra a Aids (economizando US\$ 10 mil por paciente anualmente) e insistiu que eles fossem produzidos localmente como genéricos (sem a marca das grandes empresas farmacêuticas), e entregues à sociedade através do sistema público de saúde. O resultado foi um aumento na expectativa de vida de 52 anos para 64 anos ao longo de uma década (Bond, 2020).

4.4 África oriental

A África oriental é a região ao lado da África central que apresenta 10.103 casos notificados e 284 mortes da Covid-19.⁵⁹ Todavia, assim como a região central esses números podem ser fruto de grande subnotificação. Por exemplo, o Sudão (3.138 casos confirmados e 121 mortes) e a Somália (1.573 casos e 61 mortes) apresentam conflitos internos e enfrentam sérios problemas de infraestruturas sociais e de saúde pública. O Chifre africano é palco de grande preocupação de agências internacionais de refugiados, pois os campos de refugiados com superpopulação e falta de recursos podem se tornar um espaço para a proliferação da doença. Ao mesmo tempo, os procedimentos de fechamento de fronteiras têm dificultado ainda mais a possibilidade de alocar e proteger essas pessoas que já estão em situação vulnerável.⁶⁰ Apenas a título de ilustração, em 31 de janeiro, a Etiópia foi listada pela OMS como um dos treze países de maior risco na África para a Covid-19. Em 4 de fevereiro, o Ministério da Saúde da Etiópia solicitou apoio urgente da Conselho Empresarial China-África⁶¹ (CABC) para adquirir e fornecer dispositivos e *kits* de teste da Covid-19. O país tem contado com o apoio chinês e de demais parceiros de ajuda internacional.⁶²

Os números estão bastante pulverizados pela região, mas pode-se ressaltar que Djibuti (devido ao tamanho) representa um caso alarmante. Nesse país onde estão situadas bases militares chinesas, americanas (durante a pandemia essa base sofreu *lockdown* após dois militares testarem positivo⁶³) e francesas, foram confirmados 1.828 casos, no entanto, apenas nove mortes.⁶⁴

O Quênia, país bastante conhecido por sua capital, Nairóbi, ser a sede da União Africana e um importante local de conexões aéreas, apresenta 912 casos e cinquenta mortes, mas sua rígida quarentena obrigatória tem gerado problemas sociais. Antes da disseminação do vírus, o país estabeleceu centros de quarentena obrigatória para pessoas que tivessem viajado para países já contaminados, além de pessoas em contato com pessoas que testassem positivo. No entanto, cabe às pessoas internadas arcar com os custos de sua internação, além de haver muitos questionamentos sobre as condições de higiene dos locais. Atualmente, o Quênia instituiu fechamento de fronteiras, toque de recolher entre 19h e 5h e a quarentena obrigatória para todos testados positivos para a doença.⁶⁵

58. O índice de Gini da África do Sul está em 63, o mais alto do mundo, de acordo com estudos do Banco Mundial. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/05/07/africa/south-africa-elections-inequality-intl/index.html>>.

59. África CDC. Disponível em: <<https://africacdc.org/covid-19/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

60. ACNUR/UNHCR. Covid-19 external update #5. Disponível em: <<https://data2.unhcr.org/en/documents/details/76693>>. Acesso em: 29 maio 2020.

61. O Conselho Empresarial China-África é uma câmara de comércio criada em conjunto pelo PNUD e pelo Centro Internacional de Intercâmbio Econômico e Técnico da China.

62. South-South Galaxy. Mission to Support Ethiopia's Covid-19 Testing Accomplished in 72 Hours by China-Africa Business Council & Partners. Disponível em: <<https://www.southsouth-galaxy.org/news/mission-to-support-ethiopias-covid-19-testing-accomplished-in-72-hours-by-china-africa-business-council-partners/?fbclid=IwAR2bjb7LHYNkGt9jZz7et7HrQRnGwqrpEz8RkUuHM1Xz2scpuvoJP6vK0>>. Acesso em: 18 maio 2020.

63. RFI. Lockdown at US military base in Djibouti as coronavirus spreads. 29 abr. 2020. Disponível em: <<http://www.rfi.fr/en/africa/20200429-lockdown-at-us-military-base-in-djibouti-as-coronavirus-spreads>>. Acesso em: 29 abril 2020.

64. África CDC. Disponível em: <<https://africacdc.org/covid-19/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

65. BBC. Coronavirus: the fear of being sentenced to a Kenyan quarantine centre. 20 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-52326316>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

A Tanzânia, país com 509 casos e 21 mortes até 19 de maio, também apresenta desafios políticos na conjuntura doméstica. Ativistas políticos argumentam que, diferente de outros países autoritários, o presidente John Magufuli já caçava opositores políticos, artistas, jornalistas e ativistas dos direitos humanos muito antes da pandemia. Tampouco instaurou bloqueio no país, muito pelo contrário, estimulou a população a frequentar espaços públicos das igrejas para orar contra o coronavírus. O maior problema do país é que as eleições estão se aproximando e seus apoiadores estão argumentando que o presidente é suficientemente popular, tendo em vista os gastos com a doença, não seria razoável investir tanto em um pleito que supostamente estaria vencido por ele, o que levanta suspeitas sobre possíveis tentativas de burlar as regras democráticas.⁶⁶

Madagascar, por sua vez, com 371 casos e duas mortes, é conhecida pelos pronunciamentos polêmicos do presidente Andry Rajoelina quanto à cura da doença. Em 24 de março, Andry foi informado pela La Maison de l'Artemisia, associação francesa, sobre a possibilidade das espécies *artemisia annua* e *artemisia afra*, nativas de Madagascar, serem compostos orgânicos capazes de curar a Covid-19. As plantas, já utilizadas no tratamento da malária, iriam para a fase de teste, e a organização francesa estava convidando vários países africanos para participarem. Segundo a presidente da organização, Lucile Cornet-Vernet, a medicina tradicional baseada na planta está sendo testada pelos chineses, e ao menos dez países africanos já haviam concordado em fazer testes com o mesmo medicamento, entre eles: Benin, República Centro-Africana, Costa do Marfim, RDC, Ruanda e Madagascar.⁶⁷ O presidente tomou a informação e passou a investir na produção de um composto orgânico com as plantas no Instituto de Pesquisa Aplicada de Madagascar. Em 1º de maio, a primeira remessa da *Covid-Organics/prevenção e cura* foi doada à Guiné Equatorial, país que recebeu 10 mil doses de composto para prevenção e 1.500 para tratamento.⁶⁸

Apesar de as substâncias à base de *artemisia* apresentarem efeito positivo como medicamento para malária, ainda não há evidências que comprovem o mesmo efeito em relação à Covid-19. A OMS alertou sobre falsas esperanças que podem atrapalhar a contenção da doença, destacando a falta de respiradores no país e a excessiva crença na medicina tradicional, responsável pela disseminação da peste bubônica em tempos recentes.⁶⁹

4.5 África central

A região central da África registra o menor número de casos do continente, com 7.758.⁷⁰ Todavia, muitos jornais apontam para questões de subnotificação dos casos da região devido à falta de infraestrutura e aos conflitos regionais, sobretudo no caso da RDC que enfrenta, simultaneamente, um surto de ebola. Apesar do baixo índice de infectados, foram registradas 293 mortes, dessas a maioria se concentra em Camarões (139) e na RDC (61).⁷¹

Em abril de 2020, uma polêmica se estabeleceu após dois médicos franceses sugerirem a possibilidade de iniciar a testagem de uma possível vacina contra o coronavírus em pessoas africanas. Tal proposta racista, que remete a ideia de fazer do continente um espaço de experimentação e de exploração, despertou revolta nas redes sociais, principalmente de africanos que atualmente vivem na Europa. Após o ocorrido e da intensa mobilização contrária, os médicos se retrataram, alegando que haviam sido mal interpretados.⁷²

Essa postura levantou um grande debate, principalmente depois do doutor Jean-Jacques Muyembe aconselhar o ministro da Saúde da RDC à solicitação de medicamentos que poderiam ser testados no território. Segundo o médico congolês, reconhecido por sua luta contra o ebola desde a década de 1970, após a recente crise dessa doença, uma opção para sair mais rápido da crise seria a testagem de vacinas. Essas possibilidades levantaram um amplo debate na comunidade internacional sobre a diferença de valor da vida.⁷³

66. The Africa Report. Coronavirus despotism disguised by the pandemic. 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.theafricareport.com/27110/coronavirus-despotism-disguised-by-the-pandemic/>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

67. The Africa Report. Coronavirus: the miracle remedy touted by Madagascar's Rajoelina. 22 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.theafricareport.com/26599/coronavirus-the-miracle-remedy-touted-by-madagascars-rajoelina/>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

68. Africa News. Covid-Organics: Madagascar donates 'cure mixture' to Equatorial Guinea. 1º maio 2020. Disponível em: <<https://www.africa-news.com/2020/05/01/covid-organics-madagascar-donates-cure-mixture-to-equatorial-guinea/>>. Acesso em: 1º maio 2020.

69. BBC. Coronavirus: caution urged over Madagascar's 'herbal cure'. 22 abril 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-52374250>>. Acesso em: 22 abril 2020.

70. África CDC. Disponível em: <<https://africacdc.org/covid-19/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

71. África CDC. Disponível em: <africacdc.org/covid-19>. Acesso em: 18 maio 2020.

72. Aljazeera. Racism row as French doctors suggest virus vaccine test in Africa. 4 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2020/04/racism-row-french-doctors-suggest-virus-vaccine-test-africa-200404054304466.html>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

73. France 24. In DR Congo, a pioneering doctor fights Ebola and coronavirus. 10 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20200410-in-dr-congo-a-pioneering-doctor-fights-ebola-and-coronavirus>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Este trabalho buscou apresentar um panorama sobre a chegada do novo coronavírus no continente africano e seus impactos políticos, econômicos e sociais. Nesse esforço, argumenta-se que, se por um lado as epidemias não são uma novidade na história da África, por outro, a forma de lidar com cada processo epidêmico e sua durabilidade dependem não apenas do desenvolvimento da medicina, mas de fatores socioeconômicos e políticos, e mesmo geopolíticos. Antes da Covid-19, o contexto geopolítico já era de tensões entre as duas principais potências internacionais, Estados Unidos e China, e relativo enfraquecimento das organizações internacionais que sustentam o multilateralismo. Nesse sentido, o crescente nacionalismo se reforçou nas respostas à pandemia, mostrando-se um “efeito colateral” da Covid-19.⁷⁴

No que tange ao continente africano, apesar da diversidade de contextos nacionais e regionais, o debate geopolítico sobre unilateralismo e multilateralismo tem sido intensificado com a chegada da pandemia. O distanciamento social forçado e o rompimento das cadeias globais de valor, acompanhados da incerteza sobre a possibilidade de retomada de atividades em um futuro breve, tendem a afetar diretamente as relações comerciais dos países africanos com o mundo e entre si. Isso tem gerado consequências imediatas para o continente, como o adiamento da União Aduaneira Africana por tempo indeterminado (Sidiropoulos, 2020).

Além disso, emerge também o questionamento sobre o papel da ajuda internacional, uma vez que existe uma dependência de muitos países africanos do repasse de recursos que se tornam incertos em tempos de crise, justamente quando a ajuda se torna mais urgente. Conforme apresentado, apesar da declaração do G20 ter apontado para o adiamento dos pagamentos de dívidas bilaterais, credores privados e alguns países insistem em incentivar negociações bilaterais caso a caso, a despeito das decisões multilaterais.

Apesar disso, em termos globais, diversas iniciativas de cooperação internacional foram estabelecidas, incluindo parcerias público-privadas e empréstimos de grandes montantes para garantia de pacotes de recuperação econômica. Em alguns casos, esses pacotes incluem cláusulas verdes, em um movimento de construção de uma economia um pouco mais atenta às questões ambientais. Da mesma forma, surgem iniciativas de cooperação na área da saúde, quando países decidem estabelecer parcerias para a elaboração da vacina, no âmbito da “Colaboração Global para Acelerar o Desenvolvimento, Produção e Acesso Equitativo a diagnósticos, tratamento e vacina contra a Covid-19”, da qual participam líderes africanos, como o presidente em exercício da União Africana, o sul-africano Cyril Ramaphosa. O percurso percorrido pelo coronavírus no continente africano até agora mostra a eficácia e a importância da resposta conjunta da União Africana para o combate à doença Covid-19.

Assim, recomenda-se que o Brasil reforce seus laços de cooperação em saúde com países africanos. O Brasil e o continente africano enfrentam o desafio de combater o novo coronavírus em contextos socioeconômicos precários, vulnerabilidades nos sistemas de saúde, pobreza, desemprego e taxas de crescimento em baixa. A similaridade de condições socioeconômicas cimenta as bases para uma cooperação horizontal, com possibilidade de troca de experiências bem-sucedidas e aprendizados mútuos.

Em mais de uma década, o Brasil estabeleceu políticas de cooperação bilateral e trilateral com países do continente africano em temas de saúde, agricultura, educação e capacitação. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) é uma instituição de referência mundial e estabeleceu vínculos de formação, capacitação e cooperação com países africanos, particularmente os da Comunidade de Língua Portuguesa (CPLP). Um exemplo disso são os inúmeros cursos oferecidos, iniciativas de apoio à formulação de políticas nacionais de saúde e transferência de tecnologia.⁷⁵ Uma das iniciativas mais discutidas foi a implantação da fábrica de medicamentos em Moçambique.

Diante da pandemia do novo coronavírus, sugere-se que o Brasil fortaleça esses canais previamente estabelecidos e crie espaços para diálogo horizontal e troca de experiências bem-sucedidas entre ambos. Exemplo disso é a atuação de agentes comunitários de saúde na África do Sul e a medicina comunitária e de família no Brasil. A capacidade de testagem da Covid-19 na África do Sul supera e pode ser exemplar para melhorar as capacidades brasileiras. Por sua vez, o Sistema Único de Saúde do Brasil é um exemplo de política pública abrangente em saúde para países africanos.

Os espaços dos BRICS e do IBAS (Índia, Brasil e África do Sul) devem ser utilizados para troca de experiências entre Brasil e África do Sul. O NDB dos BRICS já aprovou programas de assistência emergencial para o combate à pandemia para a China e a Índia⁷⁶ e deve ser utilizado também pelo Brasil e pela África do Sul para reforçar suas capacidades nacionais em saúde.

74. Financial Times. Nationalism is the side effect of coronavirus. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/644fd920-6cea-11ea-9bca-bf503995cd6f>>. Acesso em: 23 março 2020.

75. Fiocruz. Fiocruz África. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/unidade/fiocruz-africa>>. Acesso em: 20 maio 2020.

76. New Development Bank. Projects. Disponível em: <<https://www.ndb.int/projects/list-of-all-projects/approved-projects/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

É recomendável que o Brasil fortaleça sua atuação na OMS junto aos países africanos nos esforços de encontrar medidas eficazes e com base científica, como remédios e vacinas, para combater o novo coronavírus. Uma pandemia como fenômeno global só pode ser enfrentada com o fortalecimento de iniciativas e instituições multilaterais, particularmente aquelas em que o sul global tem voz e participação efetiva. As experiências africanas com epidemias anteriores e as experiências brasileiras com doenças tropicais e instituições públicas sólidas na área de saúde devem ser utilizadas pelo Brasil para fortalecer seus vínculos sul-sul e aumentar seu poder de atuação nas esferas globais.

REFERÊNCIAS

BOND, P. Covid-19 attacks the down-and-out in ultra unequal South Africa. **Counterpunch**, 3 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.counterpunch.org/2020/04/03/covid-19-attacks-the-down-and-out-in-ultra-unequal-south-africa/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

BRAUTIGAM, D. Chinese debt relief: fact and fiction. **The Diplomat**. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2020/04/chinese-debt-relief-fact-and-fiction/>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

EL JAY, Y. How feasible is the ECO currency? A study of ECOWAS business cycles synchronicity. **Research Paper Policy Center for the New South**, n. 5, 2020.

FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **Addressing the impacts of Covid-19 in food crises**: April–December 2020. Roma: FAO, 2020. Disponível em: <fao.org/publications/card/en/c/CA9192EN>.

GE, X. *et al.* Isolation and characterization of a bat Sars-like coronavirus that uses the ACE2 receptor. **Nature** **503**, p. 535-538, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/nature12711>>.

GRUZD, S.; TURIANSKYI, Y. The African peer review mechanism at 15: achievements and aspirations. **SAIIA Policy Brief** **170**, March 2018. Disponível em: <https://media.africaportal.org/documents/saia_spb_170_gruzd__turianskyi_20180307.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

_____. Fragile African health systems face Covid-19 catastrophe. **SAIIA**, 2020. Disponível em: <<https://saiia.org.za/research/fragile-african-health-systems-face-covid-19-catastrophe/>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

IMF – INTERNATIONAL MONETARY FUND. **Regional Economic Outlook**: Sub-Saharan Africa. Covid-19 and the unprecedented threat to development. Washington DC, April 2020.

JAYARAM, K. *et al.* **Finding Africa's path**: shaping bold solutions to save lives and livelihoods in the Covid-19 crisis. McKinsey and Company, April 2020.

LÉPINE, C. **Os dois reis do Danxome**: varíola e monarquia na África Ocidental (1650-1800). São Paulo: FAPESP, 2000.

M'BAYO, T. E. Ebola, poverty, economic inequity and social injustice in Sierra Leone. **Journal of West African History**, v. 4, n. 1, p. 99-128, 2018.

O'MANIQUE, C. **Neo-liberalism and Aids Crisis in Sub-Saharan Africa**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004. v. 1.

SIDIROPOULOS, E. Policy Insights Africa after Covid-19 and the retreat of globalism. **SAIIA**, April, 2020.

SILVA, L. J. DA. Guerra biológica, bioterrorismo e saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 17, n. 6, p. 1519-1523, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000600023>. Acesso em: 30 abr. 2020.

WORLD BANK GROUP. **World Bank Group and IMF mobilize partners in the fight against Covid-19 in Africa**. Press release in April 17, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global Health Observatory Data Repository. Disponível em: <<https://apps.who.int/gho/data/node.main.HS07?lang=en>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AFRICANA, U. **Outbreak brief #12**: coronavirus disease 2019 (Covid-19) pandemic. v. 2019, n. March, p. 1-7, 2020.

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Covid-19**: respuesta integrada del PNUD. 15 abr. 2020.

POLICY, N. C. **Covid-19 Scientific and Public Health Policy Update**. 6 abr. 2020, p. 1-19, 2020.

RIGHTS, H. **Coronavirus and upcoming elections in Africa**: what are the options? p. 1-9, 2020.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Coordenação

Reginaldo da Silva Domingos

Assistente de Coordenação

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Supervisão

Camilla de Miranda Mariath Gomes

Everson da Silva Moura

Editores

Aeromilson Trajano de Mesquita

Cristiano Ferreira de Araújo

Danilo Leite de Macedo Tavares

Herlyson da Silva Souza

Jeovah Herculano Szervinsk Junior

Leonardo Hideki Higa

Capa

Danielle de Oliveira Ayres

Flaviane Dias de Sant'ana

*The manuscripts in languages other than Portuguese
published herein have not been proofread.*

Livraria Ipea

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo

70076-900 – Brasília – DF

Tel.: (61) 2026-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA
ECONOMIA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL